

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT05.025

FORMAÇÃO HUMANA E MÚSICA: UMA POSSIBILIDADE DE CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO

Nádia Terezinha Leocádio Campos¹
Fernanda Sampaio de Almeida²

RESUMO

A presente pesquisa busca evidenciar a partir de uma revisão de literatura, o conceito de formação humana, e como a arte, especialmente a música, pode ser utilizada como ferramenta para a construção de um processo humanizador. Para isso autores como Freire (1996), Rodrigues (2001), Adorno (2010), Freitas (2010), Foucault (2010), Severino (2010) e Röhr (2010; 2013) que discutem como a complexidade da dimensão humana e a produção de conhecimento foram substituídas por técnicas limitantes. A racionalidade técnica passou a ocupar os focos de aprendizagem perpetuando seus conceitos no cerne da formação dos sujeitos. Dessa forma, pelas consequências advindas desse modelo de formação, como principalmente a desumanização, discutir as questões humanas tornou-se e torna-se necessário para a construção de princípios voltados aos ideias de formação no contexto contemporâneo. Elegemos a música como a linguagem artística a ser utilizada nesta pesquisa, mas entendemos que a arte, como um todo, se enquadra em uma prática essencialmente humana, trazendo a cultura através da expressão com característica de todas as sociedades como um meio de promoção da formação humana (SWANWICK 1979;2003). Utilizaremos os pressupostos Vygostky (2007) para discutir a relação de formação no processo de interação da musicalização com os indivíduos, os conceitos e o contexto. A Diante das análises das pesquisas e dos autores, foi possível concluir o quanto as discussões são necessárias para que haja maior conscientização e todo grupo escolar a condição humana. Devido todo contexto de desumanização

1 Mestranda pelo Curso de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, nadia.cammpos@aluno.ufop.edu.br;

2 Doutoranda do Curso de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, fernandasampaiodealmeida@gmail.com.

posto, buscar tais reflexões é um caminho para o não conformismo e transformação da realidade educacional que esperamos.

Palavras-chave: Formação Humana, Música, Ensino, Educação.

INTRODUÇÃO

Diante das discussões educacionais e seus desafios, fatores políticos, sociais e econômicos são evidentes nas problemáticas que se formam. Mas dentro de todas essas dimensões a questão humana está presente, pois todas as relações e discussões envolvem caminhos, pensamentos, ordenamentos e reflexões sobre o ser humano e para o ser humano. Dessa forma, as discussões sobre formação humana tornam-se necessárias considerando a forma que olhar humano é direcionado. Entendo que esse olhar pode se inverter às questões que fogem a própria humanidade, a discussão se torna ainda mais precisa.

Nesse sentido, autores como Freire (1996), Rodrigues (2001), Adorno (2010), Freitas (2010), Foucault (2010), Severino (2010) e Röhr (2010; 2013) passaram a discutir como a complexidade da dimensão humana e a produção de conhecimento foram substituídas por técnicas limitantes. A racionalidade técnica passou a ocupar os focos de aprendizagem perpetuando seus conceitos no cerne da formação dos sujeitos. Dessa forma, pelas consequências advindas desse modelo de formação, como principalmente a desumanização, discutir as questões humanas tornou-se e torna-se necessário para a construção de princípios voltados às ideias da condição humana no contexto contemporâneo. (ADORNO 2010)

Inseridos nessa problemática, a pesquisa em questão busca evidenciar, através de uma revisão de literatura, os conceitos de formação humana e como a arte, especialmente a música, pode ser utilizada como ferramenta para a construção de um processo humanizador (SWANWICK 2003; PAYNTER; ASTON, 1970; SERAFINE 1993). Utilizaremos os pressupostos Vygostky (2007) para discutir a relação de formação no processo de interação da musicalização com os indivíduos, os conceitos e o contexto. Considerando que a aprendizagem parte do processo histórico-cultural e o ser humano aprende a ser nesse processo contínuo de formação social.

Elegemos a música como a linguagem artística a ser utilizada nesta pesquisa, mas entendemos que a arte, como um todo, se enquadra em uma prática essencialmente humana, trazendo a cultura através da expressão com característica de todas as sociedades como um meio de promoção da humanização (MARX 2017).

Segundo Santos; Carregnato (2019) a desvalorização da Arte como componente curricular tem relação com a pedagogia tecnicista, devido a

incompatibilidade de objetivos de formação, sendo considerada uma atividade secundária e inútil. Não se trata de especificar as aulas de Arte como o meio mais efetivo para inserir as discussões sobre formação humana, mas pelo seu potencial formativo, essa área pode se tornar ponte de propostas de intertextualidade e interdisciplinaridade para a formação dos sujeitos em formação humana.

FORMAÇÃO HUMANA EM REVISÃO

A revisão de literatura foi feita no banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, com os descritores: “Formação humana”. Foram analisados 50 trabalhos, considerando os anos de 2000-2020, respeitando a ordem de busca. Os principais autores citados nas discussões sobre formação humana foram analisados considerando suas críticas a formação que suplanta a condição humana.

Adorno foi um dos pensadores do século XX dentre os frankfurtianos que passaram a analisar as consequências da visão educacional utópica do iluminismo para a sociedade, criticando a razão instrumental. Segundo Adorno (2010, p.8), a educação começou a passar por uma crise que não se limitava a escola, mas a própria formação humana, considerando a colapso da formação cultural dos indivíduos dentro dessa nova lógica da racionalidade, que na verdade, é em si mesma irracional (ADORNO, 2010, p. 25). Nesse sentido a educação assume a forma de mercadoria convertendo-se em semiformação, suplantando a capacidade reflexão, levando o ser humano ao conformismo do pensamento hegemônico. (ADORNO, 2010, p. 34). Como contraproposta, Adorno (2010, p.11) discute a necessidade vincular a Educação a cultura, uma vez que esse saber não pode estar relacionado a formação congelada em categorias fixas, pois isolados, o sentido se perde e fortalece a ideologia dominante que promove uma formação regressiva. Segundo Adorno (2010, p.12), do mesmo modo que ocorre com a cultura, a sociedade contemporânea não oferece um terreno fértil para a formação legítima, salienta-se assim o papel da educação na família, escola e universidade a tarefa de resistência para o não fortalecimento do conformismo. (ADORNO, 1995, p.144).

Discutindo a formação humana pelos pressupostos de Marx (2017), temos o processo educativo relacionado ao trabalho, que diz sobre à reprodução da vida desde as comunidades primitivas, em que a educação ocorria ao longo da própria existência humana. Apesar de Marx não tratar a formação humana de

forma específica, ele traz o conceito da plena formação humana através da omnilateralidade (MARX 2017) sendo a possibilidade do ser humano ir além dentro de suas necessidades materiais e espirituais, para a formação do ser social. Mas pelo modo de vida limitador que o capitalismo propõe, a exploração do homem pelo homem, o excedente de produção e a propriedade privada, o ser humano passa a viver um processo de desumanização. (CASTRO 2019)

Segundo Lira (2015) assim como o nascimento humano não garante o desenvolvimento de um ser humano, nem todo ato educacional é capaz de promover a humanização do ser. De acordo com Röhr (2010) a humanização “seria o trabalho árduo de fazer valer a voz do lado mais sutil do ser humano, o espiritual” (p.17). A espiritualidade em Röhr não se refere a religião, mas a espiritualidade por dentro da visão integral de ser humano, que promove a humanização. A espiritualidade passa pelo processo de libertação e emancipação do homem pelas amarras internas e externas e a fé necessária se refere aos aspectos humanos como: “a liberdade, a verdade, o amor, a amizade, a confiança, a esperança, o diálogo, o justo, o belo, o uno” (RÖHR 2010, p.22).

Freire (1996) e Severino (2010) corroboram com a ideia de uma educação para a autonomia, considerando que o ser humano não foi feito para ser preenchido, mas sim para se reconstruir criativamente, ainda que haja condicionantes, a capacidade do indivíduo de escolher os rumos por ele mesmo amplia a sua humanidade. Segundo Freire (1996, p. 45) educar é preparar o indivíduo para agir politicamente em seu meio, ao que promove a vocação principal do indivíduo de ser mais. Mas a educação na modernidade tem se caracterizado pela articulação das demandas de formação para a cidadania e de qualificação para a produtividade social, sintetizando uma pedagogia a serviço dos interesses utilitários (FREIRE 2005; RODRIGUES 2001). Dessa forma segundo Freire, “não pode haver reflexão e ação fora da relação homem realidade” (FREIRE 2005, p.17) é necessário que haja uma inserção do indivíduo no meio através de problematizações que levam à compreensão da superação da realidade.

Foucault também contribuiu nas discussões sobre formação humana, através do cuidado de si como uma arte de viver ou como governo da própria vida. Considerando que as práticas relativas ao cuidado de si redimensionam as relações entre a política e a ética sem fazer apelo a regras transcendentais, princípios formais ou universalidades racionais, se deslocando das fronteiras da razão pedagógica (TENÓRIO, 2013, p.37). Assim segundo Foucault “indagando

as multiplicidades das experiências com a verdade no âmbito das chamadas práticas ou técnicas de si". (FOUCAULT, 2011, p.13)

Dessa forma, tal exercício implica no esforço dos indivíduos em constituírem a si mesmos como sujeitos éticos e políticos de suas próprias ações, rompendo com a racionalidade técnica. Dando indícios para uma formação que esteja mais alinhada as questões éticas do ser humano, uma pedagogia que emerge da experiência de transformação vivida nas relações que estabelecemos com o saber e conosco mesmos como sujeitos desse saber (TENÓRIO, 2013, p.37). Freitas (2010) também corrobora com essa discussão, considerando que por meio das técnicas de si, "descortina-se outro modo de exercer o governo da razão educativa pelo cuidado ético da verdade e pelo exercício refletido da liberdade." (2010, p. 8)

Portanto, diante dos autores citados podemos concluir que as discussões sobre formação humana são recorrentes e seus ideias estão voltados a contradição das características que se relacionam a racionalidade técnica de forma limite a capacidade dos seres humanos.

A TEORIA HISTÓRICO CULTURAL COMO FORMAÇÃO HUMANA

A teoria histórico cultural tem como expoente Vygotsky e seus seguidores Romanovich Luria (1902-1977) e Alexei Nikolaievich Leontiev (1904-1979). Os estudos de Vigostky seguiram as premissas do método dialético com o objetivo de identificar as mudanças qualitativas do comportamento. Essas mudanças ocorrem ao longo do desenvolvimento humano e sua relação com o contexto social, resultando em grandes reflexões sobre o campo educacional e seu papel na aprendizagem. (REGO 2001)

Segundo Rego (2001) os principais pontos relacionados as ideias de Vygostky diz respeito a compreensão da construção das características tipicamente humanas como um resultado da interação dialética do homem e seu meio cultural. Desse modo, o desenvolvimento humano não se torna imutável e universal, pois ele se relaciona diretamente com a cultura, constituição da natureza humana. Segundo Leontiev (1978) cada indivíduo aprende a ser um homem, pois o que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade, ainda é preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana. (LEONTIEV 1978).

Através da cultura são desenvolvidos instrumentos técnicos e sistemas de signos historicamente construídos que fazem toda mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo. A linguagem é um exemplo de signo mediador, pois carrega todos os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana. Segundo Vygotsky (2007, p. 20) o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa e essa estrutura humana complexa é produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.

Portanto, os pressupostos de Vygostky nos ajudam a compreender de que forma ocorre a interação na aprendizagem, considerado o conhecimento historicamente estabelecido e a relação do indivíduo com o conhecimento mediado por outro. Assim, justificamos através da interação e dos recursos mediadores, no caso que se trata da pesquisa a música, pode evidenciar a compreensão da realidade e a construção de conhecimento dentro das discussões sobre formação humana.

FORMAÇÃO HUMANA E EDUCAÇÃO MUSICAL HUMANIZADORA

Mizukami (1986), analisa o papel do professor em relação a uma abordagem humanista, e para a autora, por meio de tal abordagem, o professor se apresenta como um facilitador dos processos de aprendizagem, em uma relação horizontal, EU e TU. A partir desta visão, o aluno é o centro do processo e atua de forma ativa em um ambiente democrático. O professor atua como facilitador do processo e de forma geral a avaliação está centrada na auto avaliação.

Severino (2016) analisa que para falar sobre educação humanizadora é necessário pensar a formação dos professores que serão sujeitos deste processo. A autonomia pode ser considerada como centro essencial para a formação humanizadora, tanto para professores como para alunos. Ainda de acordo com Severino (2016) a Educação Musical Humanizadora pode contribuir para relações sociais mais sensíveis e humanas.

Autores ligados à educação musical, como Swanwick (2003, p. 66) buscam valorizar a autonomia do aluno e seus conhecimentos musicais prévios ao afirmar que

cada aluno traz consigo um domínio de compreensão musical quando chega a nossas instituições educacionais. Não os introduzimos na música, eles são bem familiarizados com ela, embora

não a tenham submetido aos vários métodos de análise que pensamos ser importantes para seu desenvolvimento futuro. Temos de estar conscientes do desenvolvimento e da autonomia do aluno. (SWANWICK, 2003, p. 66)

Tal abordagem pode ser aproximada à perspectiva sociocultural defendida Vygotsky, que leva em conta o contexto do aluno, sua experiência e vivências. Swanwick (2003), fala em considerar o discurso do aluno e Serafine (1993) versa sobre a importância das vivências significativas em música pelo sujeito. Essa visão aproxima aluno e professor e pode criar laços essenciais para o desenvolvimento musical expressivo da criança.

Freire (1996) afirma que todas as vozes têm espaço e devem ser ouvidas, o educador e educando constroem o conhecimento coletivamente, nesse sentido, o processo de desenvolvimento é ativo e busca a formação de sujeitos críticos e reflexivos. Assim, podemos pensar em uma construção de uma pedagogia musical da autonomia baseada em parcerias e colaboração. Ressaltando a máxima de Freire (2014) sobre nossa condição de aprender estar relacionada a comunhão, em que ninguém educa a si e ninguém educa ninguém. Tal postura, humanizada, é percebida em espaços para musicalização onde o contexto e o gosto dos sujeitos são respeitados sem que o educador deixe de buscar ampliá-los.

Um dos norteadores fundamentais de Paulo Freire (1996, p. 47) no que diz respeito a essa abordagem da pedagogia da autonomia diz que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção”. Freire (1996) defende que o educador deve ir ao encontro dos educandos, se mostrando aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa de educar.

Swanwick (2003) corrobora com tal ideia quando afirma que

ensino sem afetividade, análise sem intuição, habilidades artísticas sem prazer estético; esta é a receita para um desastre educacional. Uma ação sem sentido é pior que a falta de atividade, e leva à confusão e à apatia. Mas uma atividade significativa gera seus próprios modelos e motiva o aluno, tornando-o assim, independente do professor. Afinal de contas, não há outra maneira. (SWANWICK, 2003, p.)

Esta abordagem valoriza o processo e oferece condições para que sejam construídas vivências musicais, John Paynter corrobora com essas ideias quando propõe uma educação musical integral. Dessa forma, há uma defesa da música para todos, priorizando o ensino musical por meio de envolvimento ativo dos sujeitos com a música, e essa interação sujeito/objeto é apontada muitas vezes como explicação para o desenvolvimento do conhecimento.

Analisando alguns modelos de Educação Musical, que pudessem ser aplicados de acordo com a Educação Musical Humanizadora, entendemos que o modelo CLASP atende às demandas. Em seu modelo C(L)A(S)P, Swanwick (1979) prioriza o ensino da música através do envolvimento direto dos sujeitos que se desenvolvem musicalmente por meio de atividades de composição, apreciação e execução musical/ performance (atividades centrais), apoiado na literatura e na técnica do instrumento (atividades periféricas). De acordo com Weiland (2007, p. 5):

Swanwick propôs uma integração, bem como certa hierarquia a partir das cinco atividades musicais: composição, apreciação, performance, estudos de literatura e técnica, no qual anunciou o Modelo C(L)A(S)P. A sigla C(L)A(S)P refere-se a atividades de composição – C (Composition), apreciação – A (Audition) e performance – P (Performance) também denominada de execução, como atividades centrais, ao lado de atividades de suporte, periféricas como aquisição de habilidades ou habilidades técnicas – S (Skill acquisition) e estudos sobre a literatura musical – L (Literature). Os parênteses na sigla indicam que estas atividades assinaladas são periféricas.

Swanwick (1979) defende um equilíbrio da técnica e da literatura como atividades periféricas, para tornar a aula de instrumento menos focada em habilidades técnicas e motoras e, com isso, contribuir para o desenvolvimento musical do aluno como um todo. Essa abordagem, assim como a Educação Humanizadora, pretende que o aluno seja capaz de construir o seu caminho musical de maneira ativa, quando coloca a técnica em segundo plano, traz a criatividade como parte principal do processo de aquisição da linguagem musical.

Tal proposta indicada por Swanwick (1979), traz uma visão filosófica sobre a educação musical, enfatizando o que é central e o que é periférico (embora necessário) para o desenvolvimento musical dos alunos. Está presente no Modelo uma hierarquia de valores e objetivos, na qual a vivência nas três moda-

lidades centrais deve ser priorizada, auxiliada por informações sobre música (L) e habilidades técnicas (S).

De acordo com Swanwick (2002, p. 42), essas atividades/modalidades são integradas e o desenvolvimento em uma delas se reflete na outra.

Isto se dá porque o produto relevante de uma atividade é a aquisição de conhecimento musical, que não se resume simplesmente em saber teoria ou conceitos, ou saber que Beethoven escreveu 9 sinfonias – isto é conhecimento sobre música, e não de música [...] Conhecimento de música corresponde ao entendimento do funcionamento dos elementos da música como linguagem: as dimensões referentes aos materiais sonoros, ao caráter expressivo e à estrutura, conduzindo à valorização da música como discurso simbólico relevante tanto a nível pessoal quanto coletivo.

Dessa forma, a atividade musical passa a ser uma construção do indivíduo com o meio, criando possibilidades de significância que se refletem em sua formação humana. Paynter e Aston (1970) dizem que a experiência de vivência musical mais significativa se dá efetivamente no momento da criação, defendendo a construção de notações não-convencionais após a composição. Para os autores, a execução é importante, porém, é somente através da criação que o sujeito forma e se apropria de uma consciência musical, “o primeiro passo deve ser o entendimento do meio e seu potencial. Nós somente podemos descobrir isso através do experimento criativo” (PAYNTER; ASTON, 1970)

Swanwick (2003) destaca três princípios de Educação Musical, os quais devem ser evidenciados nas práticas, pois propiciam uma Educação Musical Humanizadora ao considerar a música como discurso, ao considerar o discurso musical dos sujeitos e ao priorizar a fluência musical para criação do todo. O respeito ao discurso dos sujeitos, por exemplo, pode ser considerado um marco encontrado quando analisamos propostas de Educação Humanizadora. A fluência musical, deve ser observada desde o início do desenvolvimento musical, quando se trata de uma Educação Musical Humanizadora, pois “precede a leitura e escrita musical” (Swanwick 2003, p.69). Esse respeito ao discurso musical do aluno é reforçado, por exemplo, quando a participação do sujeito na escolha do repertório a ser trabalhado durante as aulas é incentivada. A escolha do repertório também pode ser utilizada como momento de socialização e transmissão do gosto musical para que haja a fruição da música como um todo.

Portanto, através da educação humanizadora a formação plena do sujeito se desvincula das técnicas limitantes ao considerar as questões próprias dos

seres humanos. Dessa forma, a partir das discussões sobre educação humanizadora, é possível refletir sobre um fazer musical que contemple a participação dos pares e o respeito a condição humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Diante das análises das pesquisas e dos autores, foi possível concluir o quanto as discussões são necessárias para que haja maior conscientização e todo grupo escolar a condição humana. Devido todo contexto de desumanização posto, buscar tais reflexões é um caminho para o não conformismo e transformação da realidade educacional que esperamos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. Theodor. W. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio; A.S.; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco (orgs.). *Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2010, p. 7-40.

CASTRO, Vanessa. Mariano. de. *A FORMAÇÃO HUMANA SOB O JUGO DO CAPITAL*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco 2015. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará 2019.

FOUCAULT, Michael. *O Governo de Si e dos Outros*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Alexandre. Simão. O Cuidado de Si como articulador de uma nova relação entre Educação e Espiritualidade. In: RÖHR, F. (Org) In: Diálogos em Educação e Espiritualidade. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política. Livro III: o processo global de produção capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2017.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: E.P.U., 1986.

PAYNTER, John; ASTON, Peter. *Sound and Silence: Classroom Projects in Creative Music*. London: Cambridge University Press, 1970.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da Formação Humana à Construção do Sujeito Ético. *Educ. Soc.*, Campinas, v.22, n.76, 2001

RÖHR, Ferdinand. *Diálogos em educação e espiritualidade*. Recife: Universitária da UFPE, 2010.

_____. Ferdinand. *Educação e Espiritualidade: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação*. 1. ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2013.

SANTOS, Mateus. Silva. dos; CAREGNATO, Caroline. Uma permanência na escola sob ameaça: reflexões a respeito da desvalorização do ensino da arte. *DAPesquisa*. Florianópolis, v. 14, n. 22, p. 78-99, abr., 2019. ISSN 1808-3129.

SERAFINE, Mary. Louise. *Cognition in music*. New York, 1983

SEVERINO, Antonio. Joaquim. Desafios da formação humana no mundo contemporâneo. *Revista de Educação PUC-Campinas*, v. 29, p. 153-164, 2010.

SEVERINO, Natália. Búrigo. Educadores formadores: o desafio para a formação de educadores musicais. *Educação*. Batatais, v. 6, n. 2, p. 69-86, 2016.

SWANWICK, Keith. Ensino instrumental enquanto ensino de música. *Cadernos de Estudo: Educação Musical*, São Paulo, n. 4/5, nov. 1994.

_____, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Trad. Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

TENÓRIO, Rosa. Maria. Farias. *Vozes femininas e processos de formação humana: entre as flores do café e os espinhos da vida*. Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2013.

WEILAND, Renate. Lizana. *Aspectos figurativos e operativos da aprendizagem musical de crianças e pré-adolescentes, por meio do ensino de flauta doce*. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.